



www.primeiralinha.org
Rua do Home Santo 29, 4º A, Compostela · Galiza
primeiralinha@hotmail.com
Telefone 616 868589

IV Seminário de Marxismo-Leninismo

170 anos (1832-2002) de luta de classes em Euskal Herria Sul e contra o Estado espanhol

Compostela 4, 5 e 6 de Abril de 2003

Dirigido polo sociólogo comunista basco Justo de la Cueva, militante de Batasuna e editor da web Basque Red Net.

Apresentação do Seminário e do seu esquema-guion polo seu director

Que pode motivar umhas/uns comunistas independentistas galegos para que dediquem 22 horas a um Seminário como este?. Em primeiro lugar é umha obviedade que o mal chamado "*problema basco*" (que em realidade é o "*duplo problema, espanhol e francês*" que @s basco@s temos) está de raivosa actualidade enchendo as primeiras páginas dos jornais e os primeiros minutos dos telejornais. Euskal Herria vai-se do Estado espanhol e o pánico que esse acontecimento, que teme iminente, provoca no bloco de classes dominante espanhol é a explicação da sua brutal, ilegal e anticonstitucional contraofensiva actual contra a Esquerda Abertzale, motor do processo. No entanto NOM SE PODE ENTENDER NADA do que diários e televisões mentem a diário sobre o mal chamado "*problema basco*" se se desconhece a história dos últimos **170 anos (1832-2002) de luta de classes em Euskal Herria Sul e contra o Estado espanhol.**"

Porque sucede que, como nos explicou o historiador marxista Pierre Vilar, é imprescindível **compreender** o passado para poder **conhecer** o presente. Para simplesmente poder ler inteligentemente o jornal do dia. Sucede que para simplesmente poder lutar **hoje** contra os horrores do presente é imprescindível romper **antes** com a alienação que nos fabricáram e impugéram. Sucede que a alienação, a **falsa consciência necessária** (necessária para os exploradores-opressores-dominadores que no-la instaláram no cérebro), **consiste basicamente na falsificação da História. A falsa consciência necessária é umha memória falsa** construída polos poderes opressores para impedir que @s oprimidos recordem como fomos oprimidos e lutem por se emancipar.

A História exprime como o mundo chegou a ser como hoje é. Precisamente por isso os dominadores, os exploradores, os opressores têm que falsificar a história porque têm que ocultar, mentir, tergiversar o processo que lhes levou a explorar, dominar e oprimir. **A falsificação da História é umha necessidade**, umha tarefa obrigatória e nunca omitida, **de todo poder explorador**, independentemente do seu campo de acção e da sua ubicação na hierarquia de poderes. Falsificar a História, **NEGAR DETERMINADOS ACONTECIMENTOS OU MUTILÁ-LOS E APRESENTÁ-LOS DE TAL MODO QUE AS OPRIMIDAS E OS OPRIMIDOS NOM PODAM APRENDER DE ELES**, é umha prática universal.

Porquê? Nom já para dominar melhor senom simplesmente para poder dominar. Porque a História supom duas cousas ameaçadoras e muito perigosas para os exploradores, dominadores e opressores. Em primeiro lugar **a História é cognoscível** e apreensível teoricamente. Em segundo lugar **a História é transformável**. Ambos os aspectos vam unidos, formam umha unidade. **A capacidade de conhecer e transformar a História, de fazê-la em soma**, sempre tem sido objecto de decisivos debates entre as forças revolucionárias, reformistas e reaccionárias.

E, como nos dixéram Marx e Engels no **Manifesto comunista**, "*A história de todas as sociedades que existírom até os nossos dias é a história da luta de classes*". A luta de classes é o conjunto de enfrentamentos irreconciliáveis entre o Capital e o Trabalho. A luta de classes é inerente ao capitalismo, está inseparavelmente unida pola sua natureza ao capitalismo. A luta de classes é um componente interno, genético-estrutural, do capitalismo. Em Euskal Herria a luta de classes adopta a forma de luta de Libertação Nacional contra os Estados opressores espanhol e francês.

O director do seminário nom é um historiador profissional. É apenas um militante comunista com muitos anos de luta (tem 64 de idade) e de intentos de aplicar a essa luta o materialismo histórico e o materialismo dialéctico. Leva vinte-e-dous anos vivendo e lutando em Euskal Herria como militante da esquerda abertzale basca. E os mesmos anos estudando, à luz do materialismo histórico e dialéctico, a história da mesma luta de classes na que participa como militante. Fai catorze anos escreveu um primeiro rascunho de essa História que agora está polindo e completando para publicá-la como livro. Esse primeiro rascunho será entregue às/aos assistentes ao Seminário ao começar o mesmo.

A segunda razão para que comunistas independentistas galegos dediquem estas 22 horas a este Seminário é que vivendo a Galiza similar opressão e dominação por parte do Estado espanhol e adoptando a luta contra ela também a forma da luta de classes lhes pode ser útil conhecer a aplicação da ferramenta do materialismo histórico e dialéctico à luta de classes basca para realizar uma similar aplicação à sua própria realidade nacional.

A terceira razão para que comunistas independentistas galegos dediquem estas 22 horas a este Seminário é a de que, logicamente, a história de 170 anos de luta basca contra o Estado opressor espanhol tem que falar e exprimir muito da história desse Estado e das suas maneiras de oprimir nações. É dizer, da história do mesmo Estado que *oprime elas/es*.

Contudo, o Seminário começará com a característica óptica e perspectiva comunistas: **CONTEMPLANDO PRIMEIRO A TOTALIDADE NA QUE SE INSCREVE A CONJUNTURA CONCRETA ANALISADA**. Por isso as primeiras quatro horas do Seminário serão dedicadas a contemplar e analisar **a evolução do capitalismo nos séculos XIX e XX e a Visão panorâmica dos processos colectivos de luta e de organização: as Internacionais, os partidos, os sindicatos, os movimentos, as Revoluções triunfantes e as fracassadas nesses dois séculos. Só depois de fazer isto poderemos validamente acometer o estudo da concreta formação social basca**.

A hora que segue dedicará-se a uma visão panorâmica muito sintética da História de Euskal Herria com especial finca-pé no longo período de agressão bélica e brutal repressão espanhola (1200-1521) que acabou em Euskal Herria Sul com a existência do Estado basco em Euskal Herria Sul (o Estado basco denominado Reino de Navarra que foi soberano e independente durante oito séculos: do ano 814 ao ano 1620).

As três horas que seguem entrarão já no tema dos últimos 170 anos de luta de classes em Euskal Herria Sul analisando porquê e como no fio do primeiro terço do século XIX o Estado espanhol se empenhou em tentar o que nunca antes tentara: fazer espanhóis/es@s bascos. Iniciando assim o estudo e análise da **mutação basca de 1839-1841** que inclui, com a primeira guerra carlista (camponesa) a definitiva crise do Antigo Regime, a integração no mercado espanhol, o começo do espólio mineiro e a industrialização e a inserção de Euskal Herria Sul como elo da cadeia capitalista imperialista mundial (inglesa).

Outras três horas serão dedicadas à **metamorfose basca de 1876** e as suas conseqüências e seqüelas: última guerra carlista com efémera resurreição do Estado basco, abolição dos Foros, mudança de classe dominante (agora a burguesia sobrevinda basco-espanholista que dominará cem anos até 1976), a criação do **seu** proletariado, imigração, crescimento mineiro e industrial, urbanização, crise cultural e aparição do nacionalismo e do socialismo bascos. Contemplando as suas seqüelas até 1931.

Outras três horas serão dedicadas à **brutal agressão fascista espanhola de 1936-1939** (depois de ter revisado a sua incubação desde 1931 durante a II República espanhola), à **longa noite de pedra da ditadura franquista** e muito especialmente à **metamorfose basca de 1959 a 1970**, os anos decisivos que converterão Euskal Herria Sul em uma Cidade Industrial conurbada, mediante a imigração, a urbanização desbocada e a transformação-destruição do espaço basco. @s que com o nascimento e luta de ETA criaram o novo nacionalismo basco de esquerda e revolucionário através de uma encarniçada luta de classes, muito virulenta na frente operária.

Outras três horas se dedicarão ao estudo da **farsa da mal chamada "transição democrática" espanhola**, com as fraudes do Estatuto da Moncloa e a burla do Melhoramento do Foro navarro, a traição do PNV ao aceitá-los, a substituição da oligarquia basco-espanholista pela burguesia nacionalitária basca e os delegados das multinacionais no posto de classe dominante na CAV e o mantimento dos "vateiros" assassinos navarros como classe dominante subordinada/associada agora aos delegados das multinacionais em Nafarroa. E as traições/vendas de PSOE e PCE, CCOO e UGT com a única resistência da esquerda abertzale. Entre a crise industrial e a precarização cujo maior efeito é a feroz pauperização da juventude basca.

As três horas finais dedicarão-se à **ofensiva a da esquerda abertzale 1994-2002**, lançada depois do buraco de 1992-93 que gerou a desesperada, brutal, ilegal e anticonstitucional contraofensiva espanhola tam evidente na actualidade.

* * *

Textos de leitura recomendável para assistir ao Seminário

• *"Problema espanhol/problema basco. A economia-mundo segundo Wallerstein e os últimos 150 anos de luta de classes em Euskadi Sul"*. Reproduz o texto de 44 páginas (da 48 à 91) do livro de Justo de la Cueva *"La escisión del PNV. EA, HB, ETA y la deslegitimación del Estado español em Euskadi Sur"*. Txalaparta, Bilbo, 1988.

Acha-se traduzido ao galego na Rede Basca Vermelha em <http://www.basque-red.net/gap/euskag/escisiog/escision.htm>

• *"Povo Basco e Povo Trabalhador Basco. A estrutura de classes do Sul de Euskal Herria nos anos 90 do século XX"*. Texto de Justo de la Cueva de 1994.

Acha-se traduzido ao galego na Rede Basca Vermelha em <http://www.basque-red.net/gap/euskag/clases/clases.htm>

• *"Veinticinco años de marxismo en Euskal Herria"*. Texto de Iñaki Gil de San Vicente, datado em 24 de Outubro de 2002.

Acha-se na Rede Basca Vermelha em <http://www.basque-red.net/cas/comuni/gilo/25a.htm>

* * *

Para conhecer a biografia do camarada Justo de la Cueva consultar <http://www.basque-red.net/cas/personas/justo.htm>

Seminario “170 años (1832-2002) de lucha de clases en Euskal Herria Sur y contra el Estado español.” Dirigido por el sociólogo comunista vasco Justo de la Cueva, militante de Batasuna y editor de la web Basque Red Net.
Organizado por Primeira Linha en Compostela. 8, 7 y 8 de diciembre de 2002

Presentación del Seminario y de su esquema-guión por su director

¿ Qué puede motivar a unos comunistas independentistas galegos para que dediquen 22 horas a un Seminario como éste?. En primer lugar es una obviedad que el mal llamado “*problema vasco*”/que en realidad es el “*doble problema, español y francés*” que los vascos tenemos) está de rabiosa actualidad copando las primeras páginas de los diarios y los primeros minutos de los telediarios. Euskal Herria se va del Estado español y el pánico que ese suceso, que teme inminente, provoca en el bloque de clases dominante español es la explicación de su brutal, ilegal y anticonstitucional contraofensiva actual contra la Izquierda Abertzale, motor del proceso. Ahora bien NO SE PUEDE ENTENDER NADA de lo que diarios y televisiones mienten a diario sobre el mal llamado “problema vasco” si se desconoce la historia de los últimos **170 años (1832-2002) de lucha de clases en Euskal Herria Sur y contra el Estado español.**”

Porque sucede que, como nos explicara el historiador marxista Pierre Vilar, es imprescindible **comprender** el pasado para poder **conocer** el presente. Para simplemente poder leer inteligentemente el diario del día. Sucede que para simplemente poder luchar **hoy** contra los horrores del presente es imprescindible romper **antes** con la alienación que nos han fabricado e impuesto. Sucede que la alienación, la **falsa conciencia necesaria** (necesaria para los explotadores-opresores-dominadores que nos la han instalado en el cerebro), **consiste básicamente en la falsificación de la Historia**. La **falsa conciencia necesaria es una memoria falsa** construida por los poderes opresores para impedir que los oprimidos recuerden como fueron oprimidos y luchen por emanciparse.

La Historia explica cómo el mundo ha llegado a ser como hoy es. Precisamente por eso los dominadores, los explotadores, los opresores tienen que falsificar la historia porque tienen que ocultar, mentir, tergiversar el proceso que les ha llevado a explotar, dominar y oprimir. **La falsificación de la Historia es una necesidad**, una tarea obligatoria y nunca omitida, **de todo poder explotador**, independientemente de su campo de acción y de su ubicación en la jerarquía de poderes. Falsificar la Historia, **NEGAR DETERMINADOS ACONTECIMIENTOS O MUTILARLOS Y PRESENTARLOS DE TAL MODO QUE LAS Y LOS OPRIMIDOS NO PUEDAN APRENDER DE ELLOS**, es una práctica universal.

¿Por qué? No ya para dominar mejor sino simplemente para poder dominar. Porque la Historia supone dos cosas amenazadoras y muy peligrosas para los explotadores, dominadores y opresores. En primer lugar **la Historia es cognoscible** y aprehensible teóricamente. En segundo lugar **la Historia es transformable**. Ambos aspectos van unidos, forman una unidad. **La capacidad de conocer y transformar la Historia, de hacerla en suma**, siempre ha sido objeto de decisivos debates entre las fuerzas revolucionarias, reformistas y reaccionarias.

Y, como nos dijeron Marx y Engels en el **Manifiesto comunista**, “*La historia de todas las sociedades que han existido hasta nuestros días es la historia de la lucha de clases*”. La lucha de clases es el conjunto de enfrentamientos irreconciliables entre el Capital y el Trabajo. La lucha de clases es inherente al capitalismo, está inseparablemente unida por su naturaleza al capitalismo. La lucha de clases es un

componente interno, genético-estructural, del capitalismo. En Euskal Herria la lucha de clases adopta la forma de lucha de Liberación Nacional contra los Estados opresores español y francés.

El director del seminario no es un historiador profesional. Es sólo un militante comunista con muchos años de lucha (tiene 64 de edad) y de intentos de aplicar a esa lucha el materialismo histórico y el materialismo dialéctico. Lleva veintidós años viviendo y luchando en Euskal Herria como militante de la izquierda abertzale vasca. Y los mismo años estudiando, a la luz del materialismo histórico y dialéctico, la historia de la misma lucha de clases en la que participa como militante. Hace catorce años escribió un primer borrador de esa Historia que ahora está puliendo y completando para publicarla como libro. Ese primer borrador será entregado a los asistentes al Seminario al comenzar el mismo.

La segunda razón para que comunistas independentistas galegos dediquen estas 22 horas a este Seminario es que viviendo Galiza similar opresión y dominación por parte del estado español y adoptando la lucha contra ella también la forma de la lucha de clases les puede ser útil conocer la aplicación de la herramienta del materialismo histórico y dialéctico a la lucha de clases vasca para realizar una similar aplicación a su propia realidad nacional.

La tercera razón para que comunistas independentistas galegos dediquen estas 22 horas a este Seminario es la de que, lógicamente, la historia de 170 años de lucha vasca contra el Estado opresor español tiene que hablar y explicar mucho de la historia de ese Estado y de sus maneras de oprimir naciones. Es decir, de la historia del mismo Estado que les oprime a ellos.

Ahora bien, el Seminario comenzará con la característica óptica y perspectiva comunistas: CONTEMPLANDO PRIMERO LA TOTALIDAD EN LA QUE SE INSCRIBE LA COYUNTURA CONCRETA ANALIZADA. Por eso las primeras cuatro horas del Seminario serán dedicadas a contemplar y analizar **la evolución del capitalismo en los siglos XIX y XX y la Visión panorámica de los procesos colectivos de lucha y de organización: las Internacionales, los partidos, los sindicatos, los movimientos, las Revoluciones triunfantes y las fracasadas en esos dos siglos. Sólo después de hecho ésto podremos válidamente acometer el estudio de la concreta formación social vasca.**

La hora siguiente se dedicará a una visión panorámica muy sintética de la Historia de Euskal Herria con especial hincapié en el largo periodo de agresión bélica y brutal represión española (1200-1521) que acabó en Euskal Herria Sur con la existencia del Estado vasco en Euskal Herria Sur (el Estado vasco denominado Reyno de Navarra que fué soberano e independiente durante ocho siglos: del año 814 al año 1620).

Las tres horas siguientes entrarán ya en el tema de los últimos 170 años de lucha de clases en Euskal Herria Sur analizando por qué y cómo al filo del primer tercio del siglo XIX el Estado español se empeñó en intentar lo que nunca antes había intentado: hacer españoles a los vascos. Iniciando así el estudio y análisis de la **mutación vasca de 1839-1841** que incluye, con la primera guerra carlista (campesina) la definitiva crisis del Antiguo Régimen, la integración en el mercado español, el comienzo del expolio minero y la industrialización y la inserción de Euskal Herria Sur como eslabón de la cadena capitalista imperialista mundial (inglesa).

Otras tres horas serán dedicadas a la **metamorfosis vasca de 1876** y sus consecuencias y secuelas: última guerra carlista con efímera resurrección del Estado

vasco, abolición de los Fueros, cambio de clase dominante (ahora la burguesía devenida vasco-españolista que dominará cien años hasta 1976), la creación de **su** proletariado, inmigración, crecimiento minero e industrial, urbanización, crisis cultural y aparición del nacionalismo y del socialismo vascos. Contemplando sus secuelas hasta 1931.

Otras tres horas serán dedicadas a la **brutal agresión fascista española de 1936-1939** (después de haber revisado su incubación desde 1931 durante la II República española), a la **larga noche de piedra de la dictadura franquista** y mu especialmente a la **metamorfosis vasca de 1959 a 1970**, los años decisivos que convirtieron a Euskal Herria Sur en una Ciudad Industrial conurbada, mediante la inmigración, la urbanización desbocada y la transformación-destrucción del espacio vasco. Los que con el nacimiento y lucha de ETA crearon el nuevo nacionalismo vasco de izquierda y revolucionario a través de una encarnizada lucha de clases, muy virulenta en el frente obrero.

Otras tres horas se dedicarán al estudio de la **farsa de la mal llamada “transición democrática” española**, con las estafas del Estatuto de La moncloa y la burla del Amejoramiento del Fuero navarro, la traición del PNV al aceptarlos, la sustitución de la oligarquía vasco-españolista por la burguesía nacionalitaria vasca y los delegados de las multinacionales en el puesto de clase dominante en la CAV y el mantenimiento de los “cuneteros” asesinos navarros como clase dominante subordinada/asociada ahora a los delegados de las multinacionales en Navarra. Y las traiciones/ventas de PSOE y PCE, CCOO y UGT con la única resistencia de la izquierda abertzale. Entre la crisis industrial y la precarización cuyo mayor efecto es la feroz pauperización de la juventud vasca.

Las tres horas finales se dedicarán a **la ofensiva de la izquierda abertzale 1994-2002**, lanzada después del bache de 1992-93 que ha generado la desesperada, brutal, ilegal y anticonstitucional contraofensiva española tan evidente en la actualidad.

